

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
CHARLTON HESTON, UMA PRESENÇA ÉPICA
18 e 21 de Setembro de 2023

THE WRECK OF THE MARY DEARE / 1959
(O Mistério do Navio Abandonado)

Um filme de Michael Anderson

Realização: Michael Anderson / Argumento: Eric Ambler, baseado no romance homónimo de Hammond Innes / Direcção de Fotografia: Joseph Ruttenberg / Direcção Artística: Paul Groesse e Hans Peters / Cenários: Henry Grace e Hugh Hunt / Música: George Duning / Som: Franklin Milton / Montagem: Eda Warren / Interpretação: Gary Cooper (Gideon Patch), Charlton Heston (John Sands), Michael Redgrave (Nyland), Emyln Williams (Sir Wilfrid), Cecil Parker (o presidente da comissão), Richard Harris (Higgins), Alexander Knox (Petrie), Virginia McKenna (Janet Taggart), Bem Wright (Mark), Peter Illing (Gunderson), Terence de Marney (Frank), etc.

Produção: Blaustein-Baroda, para a MGM / Produtor Executivo: Julian Blaustein / Cópia digital, colorida, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 105 minutos / Estreia em Portugal: São Luís e Alvalade, a 10 de Janeiro de 1961

Com licença de Charlton Heston, a presença épica em **The Wreck of the Mary Deare** não é a dele, é a de Gary Cooper. É para ele que toda a gente tem olhos: nós, espectadores, mas também a câmara de Michael Anderson (manejada pelo grande operador Joseph Ruttenberg), e incluindo todos os outros actores. Mesmo Heston é, desde o princípio, quando entra a bordo do Mary Deare, o navio que julgava abandonado e sem ninguém, um *espectador* de Gary Cooper. Por maioria de razão, no último terço do filme, ele e todos os outros são literalmente espectadores de Gary Cooper, quando ele se senta perante uma comissão de inquérito ao naufrágio do barco que comandava, e é o centro absoluto das atenções, ele e a sua solitária teimosia perante as provas que se avolumam quanto à sua responsabilidade – momentos em que Cooper está um pouco em reprise do papel, ou pelo menos do estatuto, que tinha num dos grandes monumentos (que **The Wreck of the Mary Deare** não é, é apenas um pequeno monumento) da “cooperiana” tardia, o **The Court Martial of Billy Mitchell** que Otto Preminger dirigiu em 1955.

Foi mesmo o penúltimo filme de Gary Cooper, que passou quase directamente do “plateau” de **They Came to Cordura**, de Robert Rossen, para o do filme de Michael Anderson. Embora não se note, já estava doente: há relatos de as filmagens terem sido interrompidas por mais do que uma vez devido aos seus acessos de indisposição. **The Wreck of the Mary Deare** estreou em Novembro de 1959, e em Maio do ano seguinte foi-lhe diagnosticado um cancro na próstata. Já sabendo que estava doente, ainda foi a Londres rodar **The Naked Edge**, dirigido pelo mesmo Michael Anderson. Foi esse o último filme de Cooper, que morreu em Maio de 1961, um ano depois do diagnóstico, um ano e meio depois da estreia do filme que veremos nesta sessão. Que, portanto, se

não nos traz o último Cooper, traz-nos quase o último Cooper. Também por isso, só há olhos para ele.

O projecto tinha nascido por causa de Gary Cooper, justamente, e sob os auspícios de um cineasta infinitamente mais célebre e mais talentoso do que Anderson. Nem mais nem menos do que Alfred Hitchcock, que um belo dia se lembrara de que nunca tinha filmado com Gary Cooper e gostaria de o fazer. Escolheu o romance de Hammond Innes e começou a trabalhá-lo com o seu fiel argumentista daquela época, Ernest Lehman, já antevendo Cooper no papel do capitão Gideon Patch. Mas a certa altura embateram no escolho que era, para eles, o facto de parte substancial da história se desenrolar numa sala de audiências do que não será exactamente um tribunal de justiça mas na prática não deixa de ser. Sem ideias para evitar o que viam como “another boring courtroom drama”, Hitchcock e Lehman abandonaram o projecto, que passou para outras mãos, mantendo a presença de Gary Cooper. As mãos eram as de dois britânicos como Hitchcock, aos do argumentista Eric Ambler, um especialista em histórias marítimas (vários dos argumentos que escreveu, para além deste, passam-se no mar, incluindo a saga do Titanic no muito curioso **A Night to Remember** de Roy Ward Baker), e o jovem realizador Michael Anderson (1920-2018), que estava então no auge da popularidade, depois do sucesso de filmes como **The Dam Busters, 1984** ou **Around the World in 80 Days**, todos na segunda metade da década de 1950.

Anderson era o típico artesão “não autor”, realizador à vontade dentro da indústria, mas nos seus melhores dias capaz de extrair o melhor que houvesse a extrair do material (argumento, cenários, actores) que tinha entre mãos. É o caso de **The Wreck of the Mary Deare**, um filme eficaz, sólido, com uma construção bastante inteligente – repare-se como o filme está sempre a “atrasar” coisas, parecendo sempre que vai ser uma coisa diferente do que depois vem realmente a ser: parece que vai ser um filme assente na personagem de Heston (a forma se retarda o aparecimento de Cooper, e depois a forma desse aparecimento, primeiro a voz trovejante, depois uma cara mascarada de óleo na penumbra do navio, em planos toda a fonte de luz são os seus olhos), depois parece que vai ser um filme de aventuras no mar com Gary Cooper, por uma vez, a representar uma presença de índole moral incerta, para finalmente se assentar no “courtroom drama” (com mais uma cena marítima, ou mesmo submarina, a apimentar a revelação do desfecho) e na afirmação da recta moralidade da personagem de Gary Cooper.

Tudo isto é feito com eficácia e perspicácia, mesmo se sem nenhum brilho especial para além do emanado pelo Gary Cooper dos seus últimos dias (e a respeito de actores, de notar ainda o pequeno papel de Michael Redgrave, e a presença do jovem Richard Harris, pouco antes de se tornar um dos rostos emblemáticos do novo cinema britânico dos anos 1960). Razões de sobra para não se lamentar a hora e três quartos que se passa com **The Wreck of the Mary Deare**.

Luís Miguel Oliveira